

VOGGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO : ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.*
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



ESTE NÚMERO TEM 12 PÁGINAS E FOLHA DE BORDADOS

Ayuntamiento de Madrid

«MUGURAN» ROUBOU À SOCIEDADE ELEGANTE
A REVISTA FEMININA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

VIDA ELEGANTE

PORTUGAL E BRASIL

FESTAS DE CARIDADE

Na Liga Naval. — Decorreu muito animado o baile de subscrição realizado ontem nos vastos salões da Liga Naval Portuguesa, organizado por uma comissão de gentis senhoras da nossa aristocracia, oferecendo aos salões um aspecto verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu o grande número de senhoras da nossa primeira sociedade que aí deram ponto de reunião, fazendo-nos recordar as noites de outrora. Dançou-se sempre com grande animação ao som de uma exímia orquestra «jazz-band».

A ilustre comissão organizadora deve estar satisfeita com o êxito obtido, não só financeiro como mundano.

Amanhã realiza-se outro grandioso baile de subscrição com o mesmo fim caritativo, resolvendo a comissão organizadora dar entrada a todos os grupos de mascarados que se deem a conhecer.

Nas Belas Artes. — Realiza-se esta tarde, no vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, à rua Barata Salgueiro, uma interessante «matinée» infantil, organizada pelas sr.^{as} D. Emília Gomes Neto Pereira Coutinho e D. Maria Luísa de Mendonça, cujo produto se destina a favor de uma escola para crianças pobres e para o Asilo de Infância Desvída D. Maria Pia.

As ilustres senhoras organizadoras oferecem dois artísticos prémios para as crianças que melhor mascaradas se apresentarem.

Os bilhetes de entrada, ao preço de 10\$00 para adultos e 5\$00 para crianças, devem ser requisitados pelo telefone Norte 3660.

BAILES DE SUBSCRIÇÃO

Realizam-se nas noites de sábado e segunda-feira gorda, nos vastos salões da Liga Naval Portuguesa, ao Calhariz, dois elegantíssimos bailes de subscrição levados a efeito por duas comissões diferentes compostas de gentis senhoras da nossa primeira sociedade, sendo o produto destinado a um fim altamente patriótico.

Estamos certos pelo interesse que êstes dois bailes, que serão abrilhantados por uma magnífica orquestra «jazz-band», estão despertando no nosso meio mundano, sejam os salões da Liga Naval nessas noites o ponto de reunião preferidos pela nossa primeira sociedade.

SALÕES

Na noite de sábado magro ofereceram os ilustres artistas sr.^{as} D. Lucília Simões Braga e o sr. Erico Braga, uma esplêndida «ceia americana» a algumas pessoas das suas relações mais íntimas, a qual decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, oferecendo a sala,



A sr.^a D. Judit Jordão Taborada e o sr. dr. João da Fonseca Amaral, por ocasião do seu casamento, realizado na paroquial igreja de Santas Justina e Rufina, no dia 8 do corrente

que se apresentava artisticamente ornamentada pelo distinto decorador sr. Eduardo Maia, um aspecto verdadeiramente encantador.

Durante a finíssima ceia, servida em pequenas mesas, dançou-se quasi sem interrupção ao



A sr.^a D. Irene Tavares de Andrade Afonso dos Santos e o sr. Eduardo Augusto Vaz da Silva, à saída da paroquial igreja de Santa Isabel, por ocasião do seu casamento, realizado no dia 9 do corrente

som de duas exímias orquestras «jazz-band», chegando por vezes a atingir o delírio.

Em redor das pequenas mesas, recorda-nos ter visto as sr.^{as}:

D. Ester Abecassis Seruya e filha D. Julia, D. Laura de Abreu Reis Ferreira, D. Maria José de Barros Belmarço, D. Edith Salema de Carvalho, D. Maria do Carmo Belmarço Pereira de Carvalho, D. Luísa de Sá Pais do Amaral Macieira, D. Gilda de Mesquita, D. Aida Mourão Aires de Magalhães, D. Julieta Simões da Fonseca, D. Maria Fortes Queriol, D. Dalila Correia Braga da Costa (Lago), D. Margarida Queriol Macieira, D. Alice Correia Braga Pinto, D. Angela Salema, etc., etc.

E os srs.: Conde da Anadia, comandante Moreira de Carvalho, Bochevick, dr. Magalhães de Barros, dr. António da Fonseca, Carlos Machado Ribeiro Ferreira, tenente-coronel Cristóvão Aires de Magalhães, capitão Pinheiro Correia, Hugo Navarro de Andrade Belmarço, Guilherme de Barros Pereira de Carvalho, Mário de Carvalho, Luís Queriol Macieira, Amílcar Pinto, Artur da Costa (Lago), João Contreiras Queriol, Miguel de Sá Pais do Amaral (Anadia), Aníbal de Mesquita, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

A festa de sábado dos ilustres artistas sr.^{as} D. Lucília Simões Braga e sr. Erico Braga, vai decerto ficar gravada em todos aqueles que a ela assistiram, pois que festas como estas poucas vezes ou nenhuma se repetem.

CASAMENTOS

Sendo celebrante o reverendo Valério Cordeiro, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, durante a qual foi acolitado pelo prior de Santa Maria, de Sintra, e pelo reverendo Broome, dos Inglesinhos, realizou-se na capela particular do sr. Manuel Figueira da Câmara, em Sintra, o casamento da sr.^a D. Julieta de

La Rocque Gomes de Amorim, gentil filha da sr.^a D. Aurélia de La Rocque Gomes de Amorim e do sr. Francisco Gomes de Amorim, com o sr. Francisco Xavier de Albuquerque de Orey, filho da sr.^a D. Luísa Teixeira de Sampaio de Albuquerque de Orey e do sr. Guilherme de Albuquerque de Orey.

Serviram de madrinhas a mãe e a irmã da noiva sr.^a D. Albertina Gomes de Amorim de Guimarães Serodio, e de padrinhos o pai e o tio do noivo sr. Rui de Albuquerque de Orey. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido, na quinta das Rosas, elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lunche.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas e artísticas prendas.

Realizou-se com um carácter muito íntimo, na paroquial igreja de Santa Justa e Rufina, o casamento da sr.^a D. Judith Jordão Taborada, interessante filha da sr.^a D. Orizina Dantas Jordão Taborada e do ilustre clínico sr. dr. Augusto Taborada, com o distinto clínico no Fundão, dr. Santos Amaral filho da sr.^a D. Virgínia das Dores Fonseca Amaral e do sr. António dos Santos Amaral.

Serviram de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o distinto advogado no Fundão sr. Teodoro da Fonseca Mesquita.

Celebrou o acto o prior da freguesia, reverendo Damasceno Fiadeiro, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Findo o acto religioso foi servido, na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lunche, seguindo os noivos para o Fundão, onde foram fixar residência.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas e artísticas prendas.

Em capela armada na residência da sr.^a D. Carolina da Conceição e Silva de Carvalho e do sr. Adeodato José de Carvalho, realizou-se o casamento de sua gentil filha D. Maria Emília, com o sr. Manuel Pinto, funcionário superior da Companhia da Ganda.

Serviram de madrinhas a sr.^a D. Carolina de Sousa e Madame Alberto Amado e de padrinhos os srs. Sebastião Teixeira de Carvalho e dr. Alberto Amado.

Finda a cerimónia religiosa, que revestiu um carácter muito íntimo, foi servido, na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lunche.

A noiva, que pertence a uma das mais dis-



A sr.^a D. América Marques Fernandes e o sr. Manuel da Silva Oliveira, cujo casamento se realizou no dia 18 de Dezembro findo, na paroquial igreja dos Anjos

tintas famílias do Minho, é irmã dos srs. dr. Manuel de Carvalho, consul de Portugal em Nairobi, e do distinto clínico sr. Roberto Adeodato de Carvalho.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas e artísticas prendas.

Realizou-se na Foz do Douro, em capela armada na residência da sr.^a D. Maria Albina de Sousa Lima da Rocha Leão, o casamento de sua interessante filha D. Sarah, com o sr. José Guedes Ferreira Lima, filho do capitão de fragata sr. José Ramos Ferreira Lima.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a Ester Ferreira Lima, e de padrinhos o major sr. Primo de Sá Pinto de Abreu Soto Maior e o pai do noivo.



O ilustre escritor e juriconsulto brasileiro Dr. Lemos de Brito, cujas conferências, no Porto e Coimbra, tem sido coroadas pelo mais ruidoso êxito. O Dr. Lemos e Brito realizará brevemente, em Lisboa, uma conferência

Celebrou o acto o reverendo abade da Foz, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido um finíssimo, seguindo depois os noivos para a sua casa do Douro, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas e artísticas prendas.

Realizou-se na paroquial igreja de Santa Isabel, com grande brilhantismo o casamento da sr.^a D. Irene Tavares de Andrade Afonso dos Santos, gentil filha da sr.^a D. Isabel Tavares de Andrade Afonso dos Santos e do distinto capitão de fragata engenheiro constructor naval sr. Joaquim Afonso dos Santos e irmã do ilustre dramaturgo sr. Carlos Afonso dos Santos (Carlos Selvagem), com o distinto engenheiro agrônomo sr. Eduardo Augusto Vaz da Silva, filho da sr.^a D. Maria Adelaide Mourão Vaz da Silva e do engenheiro sr. António Vaz da Silva, já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Isabel Maria de Almeida Afonso dos Santos, cunhada da noiva e D. Maria Josefina Cortez Lobão, irmã do noivo e de padrinhos os srs. capitão de cavalaria Carlos Selvagem, irmão da noiva e o engenheiro sr. António Cortez Lobão, cunhado do noivo.

Celebrou o acto religioso monsenhor António José Moita, prior de Santo António do Estoril, que fez uma brilhante alocução seguindo-se a missa resada pelo arcepreste de Alcains e primo da noiva, reverendo Dias Afonso.

Finda a cerimónia religiosa foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo «lunche», da Garrett, seguindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande número de valiosas e artísticas prendas.

NASCIMENTOS

A sr.^a D. Hilda de Almeida Brandão de Miranda, esposa do sr. Carlos de Miranda, teve o seu bom sucesso na sua casa em Beiriz, perto da Póvoa de Varzim. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

LIÇÕES DE CANTO

POR M.^{ME} LEITE DINIZ

Especializada na preparação e impoção da voz

Discipula em Milão da celebre Galetti e do notável professor Cesare Rossi

Lições em curso e particulares em sua casa e em casa dos discípulos

Dão-se todas as informações na

RUA SAMPAIO PINA, HIA, 3.º D.

(Parque Eduardo VII)

e na redacção da «VOGA»

ESPARTILHOS E CINTAS



"POMPADOUR"

OS MELHORES OS MAIS RESISTENTES E OS MAIS ELEGANTES

"A POMPADOUR"

CASA DE ESPARTILHOS E CINTAS

28 — Chiado — 30



Cestos para costura e cestos para todas as aplicações — GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS — Rua de S. Bento, 120

Telefone T. 801

Os pijamas entraram no domínio da moda com uma facilidade inaudita. O seu ar masculino e estranho foi, talvez, a carta de recomendação que lhes abriu as portas dos «boudoirs» e quartos de «toilettes» onde as elegantes os ostentam com agrado, preguiçosamente recostadas nos «divans» e «chaise-longues».

Quasi todas as senhoras que fazem da esco-

AS MODAS EM VOGA

OS PIJAMAS NA INDUMENTÁRIA

: : FEMININA : :

UM LINDO MODELO EM CREPE

: : DA CHINA : :

Vários modelos, duma originalidade graciosa, apresentamos hoje às nossas leitoras, as afeccionadas e admiradoras dos lindos pijamas multicolores e bizarros.

Entre os nossos modelos temos um todo em crepe da China rosa pálido. A blusa tem um «empiècement» formando bico à frente, bordado com fio prateado. No longo casaco, que cobre o pijama até aos joelhos, são pregadas umas barras largas em «lamé» prateado. Um estreito «picot» de renda prateada contorna todo o casaco, a parte debaixo da blusa e das algibeiras e desce numa lista ao comprido das calças.

algodão e mesmo os «foulards» todos são optimos elementos de cores facilmente combináveis.

Fazem-se as calças em azul pálido e a blusa lavrada em bege e azul ou branco e azul. Escolhe-se um tom de azul forte e faz-se então o casaco que deve ser forrado com a fazenda lavrada de que é feita a blusa. Visto o ouro sobre azul ser proverbialmente conhecido como uma combinação de bom gosto, podem-se escolher os botões para as calças, blusa e casaco em dourado, ficando iassim muito lindo e sem perder a graça do seu tão original conjunto.

para confeccionarem as tão agradáveis e precisas «toilettes» para de manhã.

Apesar dos pijamas estarem tão em moda, ainda há quem prefira os lindos «deshabillés», todos feitos em sedas e rendas, bordados a fio dourado e prateado, ou a pérolas, o que lhes dá um aspecto muito fino e elegante.

O nosso modelo Voga é feito em crepe da China liso e lavado.



lha das suas «toilettes» um problema, problema de difícil solução para um resultado sempre cheio de harmonia e beleza, procuram com alegria os pijamas em que se envolvem todos os dias com o interesse da evolução e variedade que tanto nos encantam.

Os seus feitios são infinitos, tendo alguns adquirido uma perfeição e beleza de corte onde a fantasia tecer as suas mais brilhantes criações num conjunto muito agradável e lindo.

Os pijamas também tem as suas variantes.

Agora usam-se vestindo sobre eles um longo casaco que desce até ao joelho, ficando assim



O crepe liso deve ser num tom claro, verde água, por exemplo; fica lindo. E o crepe lavado deve ser escolhido também com bastante verde misturado às suas cores variadas.

Com o crepe lavado faz-se uma curiosa aplicação formando bico à frente, na saia e no corpo.

As longas mangas são feitas em gaze, também verde-água, terminando em baixo com uma fila de grandes pérolas. Com as mesmas pérolas é feito o cinto e contornado o decote.

Para as elegantes que confeccionem os seus «deshabillés» com tanto carinho como os ves-



É muito fino todo o conjunto deste modelo, tanto pelas suas tonalidades, como pelo seu feitio duma sobriedade sábiamente estudada. Este mesmo pijama pode ser feito em tecido de algodão com o «picot» creme e as barras em «taffetà» no mesmo tom da renda.

Fica assim menos rico mas não perde a sua graciosidade e harmonia.

Outro dos nossos modelos é feito da seguinte maneira:

As calças em setim fulgurante azul pálido, a blusa em «lamé» dourado e azul, e o casaco em setim fulgurante preto, forrado do mesmo «lamé». As calças são abotoadas em baixo com pequeninos botões dourados iguais aos que abotoam a blusa ao lado esquerdo e enfeitam o casaco aos lados.

Este pijama feito assim ficava um mimo mas muito caro. Como nem todas as nossas leitoras desejam, talvez, dispendir tanto dinheiro para a confecção deste pijama, lembramos-lhes a maneira de o fazer com tecidos mais acessíveis.

Em popeline, por exemplo, encontramos nós cores muito bonitas e também bonitos lavrados; o crepe da China de algodão, o setim de

Outro dos nossos modelos é todo feito em crepe setim bege. Uma barra em setim verde em dois tons são o único enfeite deste modelo tão sóbrio e interessante.

Nos mesmos tons se pode executar este modelo em tecido de algodão.

O último dos nossos modelos é executado em «georgette» e veludo.

As calças e a blusa são em «georgette» lilaz, e o casaco em veludo azul escuro, forrado de lilaz.

É absolutamente simples este nosso modelo, brilhando apenas pela sua cor e pelo contraste entre o «georgette» muito vaporoso e transparente e o pesado e macio veludo.

Para se executar este modelo mais economicamente apenas se pode mudar o crepe «georgette» de que é feito o pijama em qualquer tecido também muito leve. O casaco deve continuar em veludo.

Qualquer destes nossos modelos, tendo todos a moderna variante do longo casaco até aos joelhos, é duma graciosidade e elegância para a qual a sua linha esguia e airosa bastante contribui.

Eis, pois, queridas leitoras, lindos modelos

tidos de baile, é este um elegante modelo que bastante lhes deve agradar, e que vestirão com aquela alegria feminina que nos caracteriza quando temos uma linda «toilette» para estreiar.

M A L A S E BASTOS SILVA, L.^{DA}
CARTEIRAS
ALTA NOVIDADE Rua de S. Nicolau, 81

MADemoisELLE X.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Todas as grandes casas de costura, de chapéus, de perfumes, de peles, de artigos chics de

PARIS,

abrem hoje novas instalações nos Campos Eliseos. E' no coração desse bairro da Europa que está um

HOTEL PORTUGUÊS,

cujo conforto, honestidade, preços modicos o recomendam melhor que todo o réclame.

É o HOTEL DE DELFT — 30, Rue Montaigne — Hotel para familias e senhoras que viajam sós. — Peçam prospectos.

RENASCER...

CRÓNICA DA SEMANA

ESTA manhã, cedo, muito cedo, logo aos primeiros clarões da alvorada, saltei do leito, botei sobre os ombros um chale de Manilla, chamejante de ouro e rosas vermelhas, e, contente com o novo dia que a Deus aprouvera conceder-me, abri de par em par as janelas do quarto. Uma aragem, fria e perfumada, encrespou a epiderme dos meus braços, poz um arrepião delicioso nos meus ombros, dilatou-me as narinas... Boiavam no ar matutino aromas esquecidos; anunciava-se um dia soalheiro e lindo; diante dos meus olhos encantados estendiam-se, cada vez mais, os horizontes, afogados em tintas rubras e aniladas... Ah, meu Deus, meu Deus! que deliciosa alegria, esta alegria de viver, mesmo quando os dias não correm como nós desejariamos!... Passam, é certo, velozes como a aragem, as épocas da vida!... Mas como a gente, a pesar de tudo, se sente bem na existência e que dolorosa deverá ser, na hora final, a saudade da vida, a saudade da vida!

Que lindo dia que aí vem!... Do horizonte, lá de muito longe, dum ponto vermelho como fogo, espalha-se pelo céu um resplendor infundável de raios de ouro... Oigo a passarada gorgear na cerca enorme: tingem-se de escarlate os cimos das árvores; alastram sobre as paredes confusos clarões... Há não sei quê no ar ambiente que me enche o espírito de alegre surpresa... Este dia não é como os outros: tem qualquer coisa de novo, ou antes, de há muito esquecido... Sinto mais juvenil do que nunca a minha pobre alma que tantas máguas e aflições — Deus seja louvado! — ainda não conseguiram queimar!... Não sei porquê mas tenho a sensação de haver saído há pouco dum quarto escuro aonde me tivessem encerrado por qualquer travessura...

Uns chilridos confusos, hesitantes, um incerto pipilar, vindo não sei donde, chega, distinto e amorável, até junto de mim e fica a persistir nos meus ouvidos... Oigo-o de novo, mas, debalde inquiram os meus olhos o lugar

aonde terá poisado a família de emplumados cantores que assim agradece a Deus, com os seus gorgeios, o benefício da vida... Dorme tudo ainda: as casas, as ruas, os arvoredos, as pessoas, enquanto o sol anda a pintar de ouro e carmezim a natureza... Oigo de novo a chilreada e perto, muito perto dos meus olhos, duas avesitas, de negro e branco, riscam num célere vôo o espaço. Sigo-as na sua viagem, com os meus olhos encantados e vejo-as acolherem-se ao meu beiral, poisar numa fresta e sumir-se... para de novo as tornar a ver, num contínuo e alegre vai-vem, numa lufa-lufa matutina, numa viva chilreada de quem trabalha a cantar. Quando regressam trazem sempre nos biquitos qualquer coisa que a luz, ainda confusa, me não permite distinguir...

Mas, súbito, no meu espírito faz-se uma luz deliciosa, cheia de alegria e de reconhecimento...

Das longínquas paragens do Nilo, transpondo areais, cortando mares, passando terras e terras, voltaram, (ainda Fevereiro mal havia excedido a sua primeira semana de vida!) as meigas, as lindas e sagradas andorinhas... Aquelas que o ano passado aqui tive no meu beiral, de novo ei-las acolhendo-se à hospitalidade do meu lar... Trazem consigo a ressurreição da vida em nossas almas e na terra portuguesa. Por isso esta manhãzinha fria e perfumada, esta manhãzinha de ante-primavera, me rejuvenesceu e alegrou o espírito, insuflando-lhe teimosamente a alegria da vida, a alegria da vida!

E uma grande, uma extraordinária ternura vibra na minha alma e nela fica a retinir, cheia de suavidade e doçura... Neste momento da minha vida nem eu sei que tesouros daria só para que Deus me concedesse o poder agarrar amoravelmente estas alegres e benditas mensageiras e apertá-las contra o peito, como apertaria um filho meu, se o tivesse!...

ROSA TIRANA.



lindo corte cruzado; é este modelo o complemento dos interessantes vestidos em crepe da China.

Nesta altura do ano há a grande atracção exercida pelos «magasins» da exposição de branco. Uma multidão ininterrupta se precipita sem cessar neste inferno, que atrai todas as penitentes.

Em altas rimas, em sábias exposições, pode-se admirar montanhas de neve. É uma alegria ver os finos «linons», as telas puro-fio e as sedas policromas empregadas nas mais lindas confecções para as senhoras.

Lindas roupas brancas se vêem espalhadas. Todas finamente enfeitadas com «ajours» e muito bem bordadas.

Outras em cor de rosa com incrustações em branco, apresentam-se como uma encantadora novidade. E que dizer das roupas em crepe da China enfeitadas com rendas de Milão e Veneza?

O luxo torna-se cada vez mais obsecante; invade tudo.

Para a roupa de mesa, a mesma ordem se estabelece; em crepe da China, as toalhas de fantasia e os guardanapos. Em «toile ancienne» os serviços bordados.

A fantasia reina neste domínio. Para almoços põem-se as toalhas com riscas de cores, que retomam o uso do ano findo, enquanto para o jantar não se escolhe senão toalhas ornadas de rendas e bordados.

Os chemins de table e napperons ornam as mesas, incrustadas de madeiras preciosas, e esta mistura sóbria faz sobressair as pratas e os cristais.

Eis também, minha querida, algumas coisas que eu vi nalgumas exposições de nome da capital.

Eis, primeiramente, manequins de bronze e ouro, vestidos com camisas de sedas ligeiras,

duma elegante simplicidade. Mas, no entanto, vão enfeitadas com rendas e bordados de grande preço.

As toalhas de chá e os chemins de table constituem uma colecção tão encantadora como as grandes toalhas à jourées.

Grandes cortinas em «tulle» artisticamente



«drapées» com largos folhos de renda, são lindas e elegantes criações.

Na minha próxima carta, conto jalar-te das novas colecções de primavera. Por hoje deixei-me abraçar-te afectuosamente, minha querida.

Tua tia

NUELMA.

CARTA DE PARIS

Minha querida filha

ESTAMOS de volta a este opaco Paris de céu plumbeo e triste.

Nós deixamos lá, em Nice, toda a alegria de viver, um sol resplandecente e flores maravilhosas.

Quem pode dizer que o dinheiro é tudo na vida? Eu pretendo que é o sol! Ele embeleza tudo e torna as pessoas melhores. Mais do que

uns, amadores de arte; outros, amadores de «sports».

Grandes galas se organizam nos hotéis de reputação, dando lugar a reuniões muito elegantes, e, durante estes longos festins, distraímos-nos admirando as lindas bailarinas que evoluem num passo «nonchalant» perante os nossos olhos extasiados.

Eis, minha querida, algumas preciosas informações sobre a moda, cujo desfile é ininter-



nunca, minha querida, eu deploro não ficar mais tempo na «Côte» e ser forçada a habitar uma cidade onde a chuva é a hóspede quase diária, durante a estação invernal.

De festa em festa, nós percorremos todos estes países bemditos, admirando o mar tão azul, os vales verdejantes e as geleiras inalteráveis.

Em toda a parte onde o olhar se detém não se vêem senão coisas belas e a vitória da natureza, enquanto os teatros e casinos dispõem quantias fabulosas para atrair os invernantes;

rupto. Além dos vestidos de noite, — onde a escolha é difícilíssima, tal é a sua grande variedade, — há os vestidos que se veem nos chás e passeios e que são igualmente seleccionados.

A grande novidade é o chapéu de palha, pois o belo sol incita todas as «coquettes» à mudança de toilettes.

O «tocado» está na ordem do dia, num lugar invejável. Emoldurando o rosto, escondendo a testa, ele torna os traços muito regulares.

Eis um lindo «cloche» em palha «manille», debruado de azul e descobrindo a fronte por um

ECOS E COMENTARIOS

O CASAMENTO... A PRAZO

O juiz Burmell, de Los Angeles, é um adversário implacável do divórcio que tem passado, grande parte da sua existência, meditando sobre a maneira de o suprimir.

Ao fim de tão longo e pertinaz estudo, descobriu, para suprimir o divórcio, esta ideia mirífica, pitoresca e, permitam-nos a irreverência — em tudo própria da quadra carnavalesca: o matrimónio a prazo.

O casamento, segundo aquele juiz, far-se-ia pela prazo de cinco anos, cessando logo que essa data fatídica chegasse, sem ser necessário cumprir qualquer formalidade.

O contracto poderia ser renovado, mas sempre pelo mesmo prazo.

Surgiu, logo, uma dificuldade: como regular a situação dos filhos, quando o tempo matrimonial expirasse? Dessa dificuldade se esqueceu o juiz, mas, não é verdade, que de coisas mínimas não cura o pretor?

■ ■

UMA DEPLORÁVEL DESERÇÃO

EM menos de três meses, quarenta advogadas francesas abandonaram o fóro, despidendo, para sempre, com enérgica decisão, as suas togas.

Esta deserção surpreendeu toda a gente; os jornais comentaram, o estranho caso, com ligeira ironia, e os seus colegas masculinos a ele se referiram num tom de melancólica tristeza, da melancólica tristeza que nos provoca a evocação das coisas amadas que morreram.

Os corredores do Palácio da Justiça, por onde

transita o ser humano, feito vítima e tornado criminoso, rindo e chorando, arquitetando vinganças e sufocando dóres inarráveis, tornaram-se mais sombrios e monótonos. A alegria, em sorrisos de fina sutileza ou em risos claros como o sol, o encanto, em raparigas esbeltas de lindos olhos plenos de audácia e de candura, ou em mulheres duma eloquência experimentada e duma elegância de sábio requinte, cessaram desoladoramente.

Os advogados masculinos perderam o mais profundo prazer que havia nos debates judiciários: a luta secular entre a leal inteligência de Adão e a graça perturbante de Eva.

■ ■

OS VIUVOS MAIS NOVOS DO MUNDO

NA Índia, existe o costume muito bizarro de casar as crianças ainda no berço.

A comissão parlamentar de Bombaim, encarregada de elaborar as leis que não de legalizar várias reformas sociais, descobriu, só numa província, setenta e quatro mil pequerruchos, com menos de cinco anos, já casados. E, entre eles, havia cerca de três mil viúvos.

Três mil crianças viúvas a quem a morte de seus maridos ou de suas mulheres, não causou a menor emoção; três mil enlutados que perderam os companheiros legais de toda uma vida, sem terem conhecido as doçuras da vida conjugal e a lua de mel que lhe serve de enternecedor prólogo; três mil bebés que, mais tarde, quando voltarem a casar, podem afirmar com a maior sinceridade que não conservam do seu primeiro matrimónio a menor recordação!

A PROPOSITO DE LIVROS

ANASTÁCIO JOSÉ, PRIMEIRO MARQUES DE SANTA CLARA, novela por Mário Domingues. — «LEVOU-AS O VENTO...», versos de Aristides Carmalio

A novela que Mário Domingues, nosso camarada da imprensa, acaba de publicar sob o título sugestivo de *Anastácio José, primeiro Marquês de Santa Clara*, terá de ser classificada em boa justiça como um belo trabalho literário que duas coisas, principalmente, prejudicaram: um irreprimível espírito de sectarismo que leva o escritor a ser injusto com certas classes; e o ter aparecido depois da publicação de *O Conde d'Abranhos*. Este último facto não depõe contra a verdade ou antes contra o evidente simbolismo da personagem principal: Anastácio José consubstancia, na sua miserável e característica figura, três ou quatro indivíduos por demais conhecidos na sociedade portuguesa dos últimos vinte anos e corresponde frequentemente à realidade, embora um tanto ou quanto caricaturada... Simplesmente, vem um pouco tarde, apesar de, por forma alguma, ser uma imitação porque, conforme já acima dissemos, a vida de Anastácio José tem em si os traços principais de três ou quatro figuras conhecidas de toda a gente... Quanto ao sectarismo de Mário Domingues esse torna-se patente na injustiça com que trata certas figuras e situações. O diálogo entre o Anastácio José e o padre é duma inverosimilhança espantosa nada existindo que o possa justificar: redonda mesmo numa descabelada situação, impossível de se produzir porque, a segunda figura, em vez de ser o oportunista matreiro que Mário Domingues nos quizes apresentar, seria um pacóvio rematado... Tampouco achamos verosímil o casamento de Anastácio com a filha do Conde de Rio Grande, tanto mais que a morte do referido titular — fidalgo de raça, apegado à nobreza dos seus pergaminhos e às tradições seculares da terra portuguesa! — vem desmentir por completo não só situações anteriores como a possibilidade de tal casamento.

A verdade contudo é que, descontados estes senões, a novela de Mário Domingues é, a nosso ver, a melhor que nos últimos tempos tem sido publicada por parte dos novos escritores. Se Mário Domingues adquirir o espírito de imparcialidade e a serena visão dos factos de que por enquanto carece, de aqui lhe auguramos um lugar primacial nas letras portuguesas. Oxalá nós o possamos confirmar um dia!

Este nome esquisito, quasi extravagante mesmo, de Aristides Carmalio, pertence a um temperamento de poeta que o é de verdade. O livrinho de líricas aqui presente diante de nós e intitulado «...levo-as o vento...», edição de Atlântida, de Coimbra, é a confirmação do que dizemos. O poeta está inegavelmente ainda sob a influência de dois ou três nomes da nossa literatura e por essa influência deixa conduzir passivamente a requintada sensibilidade de que Deus o dotou; o seu espírito compraz-se na irre realidade, no sonho impossível e na melancolia. Esta última é, pode dizer-se, o pasto único da sua alma de poeta e em torno d'ela vagueia constantemente, diluindo-se, o seu espírito. Tristeza, melancolia, saudades, aspirações, tudo se envolve nos véus da mais pura irre realidade e o poeta vive num mundo completamente aparte, numa cidade de nuvens e brumas, libertando a todo o momento os seus fantasmas, os habitantes do seu sub-consciente. Tal concepção da vida é, em nossa opinião, bastante perigosa e, até hoje que nós sabemos, não produziu senão a desgraça de quem a tomou para si e a apresentou aos outros... É uma fonte de inadaptados, um viveiro perene de ideologias que para mais não servem do que para desnaturar a Humanidade.

Mas, o que seria injustiça flagrante, era, por via de tal concepção perigosa da existência, negar ao sr. Aristides Carmalio aquilo que realmente lhe pertence: um temperamento de poeta...

F. M.



TILAI
ESTUDIO
DE DANÇA
RITMICA, PLAS-
TICA, MIMICA

2.^{as}, 4.^{as} e 6.^{as} feiras, das 10 às 12 horas e das 15 às 17 horas

Rua Marquês da Fronteira, 82
CAMPOLIDE



O SALÃO DA ELEGANCIA FEMININA

É CRESCENTE, EM TODOS OS MEIOS, O ENTUSIASMO QUE DESPERTOU ESTA BRILHANTE INICIATIVA DA

VOGA

O nosso último artigo, despertou inúmeras curiosidades e novas felicitações. A medida que a *Voga* vai deixando entrever o que será o próximo «Salão da Elegância Feminina», o entusiasmo público recrudescce, e a curiosidade vai desconhecendo limites.

O próximo número da *Voga* causará verdadeira e justa sensação. Nêle virão, já, alguns pormenores importantes e definitivos da organização do grandioso certame. São detalhes que já orientam e esclarecem o comércio de Lisboa, ansioso de pormenores que o habilitem, desde logo, a uma tácita adesão.

O êxito produzido pelos dois últimos números da *Voga* na sociedade elegante de Lisboa e em todos os meios femininos, foi tão festivo que representa, para nós, um novo e precioso incitamento. E, nos meios artísticos, o entusiasmo e a espectativa não são menores. Toda Lisboa, enfim, se agita e deleita com a ideia do deslumbrante espectáculo que a *Voga* está organizando; espectáculo sem-par, que não teve nem terá semelhante ou igual, porque só um semanário da categoria da *Voga* dispõe das possibilidades requeridas para o levar a efeito com brilho e competência, isto é, com pleno êxito e total esplendor.

O nosso próximo número trará o completo programa do brilhante certame, todo êle superior e magnífico.

Mas, desde já podemos garantir, que o aspecto literário não será o menos interessante, porquanto alguns dos nossos mais notáveis homens de letras farão, nas tardes de gala, encantadoras palestras sobre temas de palpitante actualidade feminina.

Dentro de breves dias também, serão facultadas a todo o comércio as condições de admissão e inscrição, e a todo o comércio de Lisboa serão enviadas circulares, explicativas e pormenorizadas, sobre os fins e o valor do nosso empreendimento, inimitável e grandioso.

A partir, porém, da próxima segunda-feira, todos os esclarecimentos são fornecidos nos escritórios da *Voga*, Rua Anchieta, n.º 25, das 14,30 às 17 horas, para maior facilidade a todo o comércio.

Fácil é, pois, de concluir que, figurar no «Salão da Elegância Feminina», é assegurar, manifestar e firmar o valor comercial e artístico de uma firma ou de um produto, de um estabelecimento ou de uma marca. Figurar no «Salão da Elegância Feminina» é lançar um nome ou tornar definitiva uma reputação.

Que, portanto, todo o comércio de Lisboa, o verdadeiro e civilizado comércio de Lisboa, se prepare para figurar no inédito certame promovido e organizado pelo nosso semanário.

Lêr na proxima semana e sempre publicação sem par, organizadora e promotora do espectáculo sem igual que vai ser o proximo SALÃO DA ELEGANCIA FEMININA E ARTES DECORATIVAS

VOGA

O MARIDO IDEAL

VISTO POR UMA «EMPREGADA»...

O UANDO eu chego de manhã já êle lá está sempre.

A sua pontualidade, a sua persistência no cumprimento dos seus deveres e a sua apresentação sempre cuidada e atraente são admiráveis e exemplares!

Jámais a sua boca se descerra na mais leve censura, na ironia mais subtil seja para quem fôr, ouvindo às vezes as maiores, mais injustas e mais severas repreensões dos seus superiores ou colegas, com a mesma expressão de resignação e humilde modestia a curvar-lhe os lábios num sorriso permanente de bom humor e dignidade austera.

É o único empregado da secção que não anda presentemente atacado da doença da moda, a «fotobolite» aguda, o único auxiliar precioso que não se interessa pela nossa vida particular e que não repete nunca o que foi dito na sua presença, por mais estranho que isto pareça!

Que discreção, que *savoir vivre*!

Os seus hábitos são dignos dos maiores elogios: não fuma, não diz mal dos seus colegas nem nos persegue com madrigais estúpidos, não joga, não bebe e não é perdulário.

De facto, nunca ninguém o viu gastando estravagantemente à noite pelas casas de espectáculos ou aos domingos em excursões sempre dispendiosas pelos arredores da cidade.

Relativamente às faltas graves a que a maioria dos homens não se furta e considera até próprias do seu sexo, eu posso afirmar que êle é incapaz de tais acções.

É um modelo de correcção, é um monumento de virtude!

Impaciência, má língua e mau génio, inveja ou teimosia, são defeitos absolutamente alheios à sua disposição.

É correcto nas atitudes, cumpridor dos seus deveres e desempenha o seu trabalho sempre silencioso, enquanto a maioria do pessoal perde tempo, conversando e dizendo mal de tudo e de todos.

É o mais simpático de todos os colegas e também o mais inteligente, porque nunca vem até junto de nós, perturbar-nos com historietas e anedoctas inconvenientes, contar as suas aventuras de amor ou informar-nos, com ares de importância, de que os seus antepassados eram aristocratas de sangue azul ou que é o provável herdeiro de vários tios milionários no Brasil ou na Califórnia.

Os seus conhecimentos e relações sociais parecem ser mínimos.

Na verdade, nunca o vi apertar a mão a ninguém ou conversar com qualquer cliente do estabelecimento, o que me leva a crer que êle não pensa, decididamente, em casar.

As vezes, nas horas de maior movimento, quando um grupo de formosas freguezas pára perto d'êle admirando discretamente a regularidade dos seus traços fisionómicos ou o seu perfil de antigo gladiador romano, a expressão do seu rosto não muda e o seu ar, modesto mas digno, permanece impassível.

Dir-se-ia que, a pesar de jovem e perfeito, os dias da sua existência decorrem num isolamento voluntário, numa estranha renúncia verdadeiramente digna de uma canonização!

Como eu admiro a sua extraordinária calma, a sua estupenda fleuma, tão heroica, tão forte!

Há tempos, quando um tremor de terra sacudiu a cidade, num segundo de terror e de pânico, lançámo-nos todas para a porta, num gesto irreprimível de fuga, apavoradas e tremulas de comoção; mas êle não saiu do seu lugar e com o seu sorriso de bom rapaz continuou olhando-nos, sereno e indiferente ao perigo terrível.

Que admirável sangue frio!

É, sem dúvida, o verdadeiro tipo do Marido Ideal: — o mais fiel, o mais constante, o mais condescendente, sempre de acôrdo, o menos estravagante, o mais socegado, o menos orgulhoso e o mais económico. Mas...

Há sempre um «mas»!

Pobre de mim! Jámais ouvirei da sua boca a declaração apaixonada do seu amor, nunca ou serei corresponder ao seu sorriso tão belo, retribuir aquela expressão tão acolhedora com que me fita sempre que eu olho para êle!

Não! Nunca nos poderemos amar! Todas as demais colegas me julgariam louca, em vésperas de ser internada no Manicómio mais próximo, na perspectiva do colete de forças mais forte porque... êle é um excêntrico!

É um ser anormal. Não recebe ordenado algum!

Tôda a sua existência resume-se na ostentação dos mais belos fatos do último corte perante os olhares curiosos da turba que passa, indiferente à imobilidade que, só êle, assim de pé numa montra, pode conservar e manter porque... é um manequim de madeira!

PASTA DENTÍFRICA
MARIA LUÍSA
SUPERIOR Á MELHOR
Branqueia os dentes e perfuma a boca

Vestido de noite em renda bordado a perolas douradas e rubis (J. Little Courtisse)



Vestido em crepe George, le preto guarnecido de galão vieux rose e ouro criação Marlot et Armand



Vestido de noite em musselina e or de l'ima, bordado a perolas e strass criação Juliette Courtisse



Vestido de noite em crepe George, cerise bordado com perolas prateadas, criação Marlot et Armand



Vestido de noite em selim e musselina de seda ve de jade, motivos de perolas e strass criação Olivan et Georgette



Vestido enorme guarnecido com uma flor em veludo num tom mais vivo criação Germaine



Casaco em la beige guarnecido a fios prateados e raiosa castanha criação Marlot et Armand



Vestido de noite em crepe branco bordado a prata - Criação de Jean Magnin



Vestido de noite em crepe setim rosa bordado a strass - Criação Brialla



Vestido de passeio em reps azul, Peito bordado a branco, ouro e rubis criação Francis

Vestido de noite em crepe setim rosa bordado a strass - Criação Brialla



Emfeite em fios dourados e strass



Chapeu em feltro preto aplicação em preto e branco



Penleado para tarde coiffure Manuel

Feltro beige molivo em aço e ouro, criação Berthe Meuz



Feltro verde escuro



Chapeu em feltro azul bordado a prata



Chapeu em veludo drapé vieux rose criação Margue rite maigaud

Chapeu em palha verde água, criação Aguel Freres

HISTÓRIAS PARA GENTE MIÚDA

CARALINDA E O URSO



As duas irmãs
mais velhas
estavam
constantemente
a resmungar

Em tempos que já lá vão — mas há muito, muito tempo, meus meninos! — era uma vez um Urso.

Era um urso muito grande e vivia num grande castelo que estava no meio dum parque enorme. Toda a gente dos arredores tinha imenso medo do Urso.

A cerca de uma légua das portas do Castelo morava um rico comerciante que tinha três filhas. As duas mais velhas eram feíssimas — oh que mostrengos, Deus do Céu! — e, embora tivessem tudo quanto era necessário para as fazer felizes, estavam constantemente a resmungar. A mais nova das três, porém, e cujo nome era Caralinda, essa era formosíssima, muito boa menina, risonha como um raio do sol e era também a alegria do pai.

Ora, muito bem: um dia chegou um telegrama dizendo que o comerciante tinha perdido tudo quanto possuía ficando pobresinho como um mendigo.

E o pobre homem teve que vender as carruagens e despedir os criados. Ele e as três filhas dali em diante passaram a fazer o serviço todo e a lida da casa.

Ai de mim! Era horrível a maneira como as duas irmãs mais velhas resmungavam!... Só Caralinda, a formosíssima Caralinda era toda alegria e sorrisos quando cosinhava o jantar, esfregava o chão e se tornava a criatura mais útil que seu paisinho poderia ter a seu lado.

E as coisas foram assim andando durante cerca de três meses quando, uma bela manhã,

Vai daí, o desgraçado comerciante teve de voltar para a sua terra sem o vestido de setim branco e sem a bolsa de dinheiro.

Pelo caminho teve de passar pelo muro que rodeava o grande parque aonde morava o Grande Urso. Ao dobrar uma esquina do muro o que é que o bom comerciante havia de ver? Uma lindíssima rosa vermelha!

— Bem! — disse o comerciante lá com os seus botões — ao menos alguma coisa levarei para casa! Caralinda terá aquilo que me pediu!

E apanhou a rosa...

Ai meus meninos, meus queridos meninos! Em má hora o pobre comerciante se lembrou de tirar a rosa do muro!... Mal ele o tinha feito ouviu-se um berro espantoso, um berro de tal ordem que até o chão tremeu todo e o comerciante caiu por terra...

E ainda não tivera tempo para se levantar quando o portão do parque se abriu saindo de lá o Urso a correr...

— Então você não sabe que roubar é um crime? gritou o Grande Urso furioso. — Quem é que lhe deu a você licença para tirar daqui rosas?

— Oh senhor Dom Urso perdê-me, perdê-me por quem é! — exclamou o pobre comerciante caindo de joelhos diante do monstro.

— Vou mas é matá-lo! E é para já — respondeu o Urso numa voz cada vez mais alta. Tenho levado um ror de anos a cultivar esta espécie de rosas para vir você e roubá-las, não?

Quem
é que lhe
deu
licença
para
tirar daqui
rosas?



chegou um outro telegrama dizendo que alguém que devia ao comerciante uma grande quantidade de dinheiro estava pronto a pagar tudo, só sendo preciso que o comerciante fôsse à cidade receber esse tal dinheiro.

— O pai traz-me qualquer coisa da cidade? — disse a filha mais velha quando o comerciante ia a partir.

— Que é que tu querias que eu te trouxesse? — perguntou o pai.

— Um vestido de setim branco com fitas e perolas — disse a filha mais velha.

— Também quero que o pai me traga uma coisa de lá da cidade — disse a filha do meio.

— E o que é que tu queres que eu te traga? — perguntou o comerciante.

— Uma bolsa cheia de dinheiro em ouro para eu poder comprar tudo quanto preciso! — disse a filha do meio.

— Bem: vou ver o que posso fazer! E tu, minha Caralinda: que é que queres que eu te traga da cidade?

— Eu — respondeu Caralinda sorrindo — por enquanto não preciso de vestidos nem de coisa nenhuma. Só gostaria que o paisinho me trouxesse uma rosa vermelha...

Partiu o bom do comerciante mas, quando chegou à cidade viu com imensa mágoa que o homem que lhe devia o tal dinheiro já não podia pagar, visto ter empobrecido também havia poucas horas!...

Pois vai-lhe ficar caro o atrevimento! Vou matá-lo!... A não ser que você — disse o Urso depois duma pausa — a não ser que você me mande para cá em seu lugar uma das suas filhas.

— Pois sim senhor, mando, Senhor Dom Urso! — disse o comerciante pondo-se de pé.

— A sua filha tem de cá estar amanhã de manhã, ao almoço, ouviu? Se ela cá não estiver, vou eu lá a sua casa e depois não escapa ninguém, ouviu? Veja lá agora se se esquece?

E claro que o pobre comerciante por forma alguma se poderia esquecer... Se ele nem noutra coisa pensava!

Foi para casa e contou as más notícias que tinha recebido na cidade e o que lhe havia acontecido com o Urso. As duas filhas mais velhas ficaram como duas bichas de rabião quando souberam que o pai lhes não trazia presentes.

— E é por causa da Caralinda que vocemecê nos deu este grande desgosto! Por causa da Caralinda e da sua estúpida rosa!

Caralinda não disse nem palavra quando ouviu isto. Sorriu apenas, com o coraçãozinho cheio de resignação. E como era muito bôsnha, muito boa menina, continuou a sorrir bondosamente e foi cosinhar o jantar.

Na manhã do dia seguinte, sem dizer nada a ninguém saiu de casa do pai, deixando apenas

um bilhetezinho aonde pedia que não tivessem receio porque nenhum mal lhe havia de suceder. E dirigiu-se para o Castelo do Urso.

E quando chegou ao Castelo as portas abriram-se logo como por encanto. Ninguém a viu, nem ela viu ninguém. Não havia viva alma por toda a parte. Na grande sala de jantar estava posta a mesa para duas pessoas. Era um almoço esplêndido, com iguarias que fumegavam, ricos fiambres, guisados e assados de toda a casta, doces, louças finíssimas, pratos reluzentes e flores por toda a parte, flores, muitas flores.

Então o Urso apareceu subitamente detraz dum grande reposteiro. Oh meus meninos! meus pequeninos leitores! O Urso era horrendo, metia medo, e o coração de Caralinda mal se atrevia a bater... Mas o Urso parecia muito

Grande Castelo, ficaram doidas de inveja. Combinaram então as duas irmãs mais velhas deitar na comida de Caralinda qualquer coisa que a fizesse adormecer até ao dia seguinte e de maneira que ela não pudesse depois cumprir a sua promessa.

E claro que, quando Caralinda chegou ao Castelo era já lusco-fusco em vez de ser de manhã cedo como ela havia prometido.

Pôs-se a correr todas as casas mas não houve maneira de dar com o Urso. Cheia de medo e de pena, com o coração que até parecia que lhe rebentava, desatou a correr pelos jardins e por fim lá deu com ele.

O pobre animal estava caído por terra, entre as ervas e parecia que estava morto, coitado!

— Oh meu querido, meu adorado animal!



O pobre
animal
estava
caído por
terra
entre as
ervas
e parecia
que
estava
morto!...

delicado, muito amável. E efectivamente portou-se muito bem não só ao almoço como durante todo o dia, tratando Caralinda com todo o mimo e toda a delicadeza. Caralinda não precisava mais do que fazer um gesto e logo ele mandava trazer tudo quanto ela pedia. Caralinda tinha lindos cavalos para montar, cães, gatos, avesinhas e vestidos tão ricos e tão lindos como nem sequer já tinham usado as princesas reais. O Urso tudo lhe dava. Era muito atencioso, muito amável e um dia disse a Caralinda que era muito amigo dela e até lhe pediu para casar com ele. Mas Caralinda abanou a cabeça e disse-lhe que isso não, não podia ser.

Ora, um dia, Caralinda que há muito tempo já não ia a sua casa, foi ter com o Urso e pediu-lhe que a deixasse ir ver o pai dela.

— Está bem! — disse o Urso com um grande suspiro. — Podes ir, mas promete-me que estarás cá no Castelo amanhã de manhã. Se não voltares, ou se vieres mais tarde já me não encontras vivo: tenho a certeza de que morrerei de pena, porque te quero muito e muito minha linda Caralinda!

A menina prometeu que assim faria e pôs-se a caminho da casa de seu pai. Quando lá chegou e as irmãs souberam das coisas maravilhosas que tinham sucedido a Caralinda no

nho! — dizia Caralinda chorando aflitivamente — não morras porque eu amo-te e, amanhã, casarei contigo!

E pôs-se a dar-lhe beijinhos no focinho...

Então, subitamente, aquele que parecia moribundo pôs-se de joelhos diante de Caralinda. Já não era, porém, o Urso: em lugar dele aparecera um formosíssimo Príncipe maravilhosamente vestido...

— Oh minha adorada Caralinda! Foi uma fada maldosa que transformou naquele feio Urso que tu vias e tanto medo te metia a princípio. E eu só saíra do meu encantamento no dia em que uma linda menina — linda como tu! — me dissesse que queria casar comigo!... E tu, tu queres casar comigo amanhã, minha linda Caralinda?

— Sim, meu príncipe!... Mas a tal fada escusava de te tornar no lindo príncipe que tu és agora! Eu teria casado contigo ainda mesmo que tu continuasses a ser o Urso!...

Casaram e viveram sempre muito felizes e tomaram a seu cuidado o pai de Caralinda até que ele terminou os seus dias e foi para junto de Deus. E perdoaram também às duas feias irmãs, as quais começaram desde então a ser menos másinhas, o que é uma linda maneira de todos ficarem contentes.

E aqui se acaba a história. Boa noite!

E tu,
tu queres
casar
comigo
amanhã,
minha
linda
Caralinda?





Charlie e a sua cara-metade.

(Continuação)

E é por isso que mulher nenhuma poderá aspirar a ter na vida dele mais do que uma parte: — a parte de que é preciso desistir quando o génio criador de Charlie Chaplin toma posse dele e mata todo e qualquer instinto.

Charlie ama as crianças, todas as crianças.

Com todo o seu génio, toda a sua maturidade, toda a sua experiência, há nele contudo muito de criança. Talvez que isso aconteça com todos

inho nasceu pensei que esse anjinho nos uniria para sempre...

Mas o nosso filhinho viveu pouquíssimos dias!

E quando a sua frágil existência terminou, vi, claramente vi, que qualquer coisa morrera entre mim e Charlie Chaplin...

Meu marido encerrou-se a dentro dos muros duma impenetrável frieza. Tanto desejara um filho e esse filho, afinal, morrera!

Tanto sofreu com a morte do filho que acabou por me esquecer. Nesses dias terríveis quanto eu não desejei a companhia do meu marido para trazer ao meu espírito o conforto e as consolações de que ele estava necessitado!... Precisava tanto de que ele estivesse junto de mim! E em lugar disso, Charlie afastava-se de mim com uma indiferença que eu de forma alguma podia compreender.

Gradualmente fui compreendendo que a criança representava mais para ele do que eu própria, e que a sua infelicidade representava tanto para ele que eu fôra totalmente esquecida. Doente, fraca e desesperadamente infeliz, senti que tudo acabara.

O meu amor por Charlie desaparecia como os sons dum violino que o ar vai desfazendo. E quanto a Charlie, o seu amor por mim morrera também. Só o nosso filho nos poderia ligar profundamente. E o nosso filho morrera. Mais amargamente o compreendi então!...

O tempo tudo apaga. Olhando os últimos seis anos vejo as coisas a uma luz muito diferente, muito mais clara. Mas, naquela ocasião, eu era jovem em extremo e a tragédia atingira-me muito recentemente. Matou-nos uma grande dor — que acabou por se matar a si própria.

A atitude de Charlie a respeito do seu lar mudou nos últimos tempos. Estou certa disso. Gosta tanto das crianças que, a meu ver, para ele o lar e as crianças andam sempre juntos. Muito deve ter aprendido nestes últimos anos...

CHARLIE É UM GÊNIO

Há seis anos, eu, então pouco mais do que uma criança, desiludida, cheia de amargura, miseravelmente infeliz, disse que Charlie Chaplin era odioso. Sentia-me desenganada, ludibriada em qualquer coisa a que julgava ter direito. Mas, agora penso doutra maneira, hoje que seis anos se passaram.

Aprendi muito e muito. Tornei-me mais prudente, mais tolerante, mais compreensiva. Sinto



que Charlie era tão infeliz como eu e, contra isso, nada era possível fazer. Charlie é um génio.

Sou de novo uma mulher, sou mãe. Sou feliz.

E não lhe tenho rancor. De resto, sei bem que jámais o tive. Quando fui sua esposa não o compreendia como hoje. A imaginação, o sentimento, o sonho, a poesia constituem o seu mun-



do real, — não a vida tal como ela é, nem tampouco os deveres rotineiros.

Nunca odiei Charlie porque lhe quize muito. Admiro-o como um grande artista, mesmo como um génio. Posso ver as suas produções e apreciá-las; reconhecer e dar valor aos seus dons de criador de alegria.

Sejam quais forem os seus defeitos ninguém pode dizer que ele não seja um grande e original artista, um génio.

AO SABOR DAS SUAS TENDÊNCIAS

Mas Charlie é presa constante das suas tendências: a sua personalidade, apaixonada, se-

denta, inquieta, despedaça-lhe o sentido de justiça; a sua inquietação não lhe permite confiar-se. Precisa de amor e de conforto, da paz e da felicidade, e não obstante é afastado de tudo isso pela sua irresistível maneira de ser.

Se uma mulher quizer reter junto de si Charlie, terá de ser um génio como ele o é.

Será necessário ter em si doze mulheres em vez duma: nada exigir dele, nada esperar, dar tudo, permitir-lhe que apareça e desapareça como lhe aprouver e não pedir explicações.

Deverá ficar silenciosa quando ele se encontra de mau humor: ser amorável quando ele o é, agradar-lhe, amá-lo e esquecer-se de si própria.

Foi para mim o mais dedicado companheiro e ainda o sinto hoje tanto que lastimo a nossa separação, a sua maneira de ser que o torna presa duma inquietação sem descanso.

Nada o poderá fazer mudar. E é será apenas Charlie Chaplin, um grande homem, uma criatura de excepção, jámais um homem com quem se possa casar. A parte mais comovedora de tudo isto é que, seja qual for a mulher que o ame — e provavelmente muitas sentirão amor por ele! — Charlie sentir-se há sempre incapaz de retribuir inteiramente esse amor.

FIM

(Exclusivo da Anglo-Americana N. S. para «Voga»).



MADAMA Erizian, que é Arménia, irrita-se às vezes, com a minha predilecção pelo Islã, e desagrada-lhe a pouca simpatia que me merece a raça dela, muito amante de escudos ou de jóias, conforme o sexo. Infelizmente, ignora a bela arte de dissimular as menores antipatias.

— Senhora, tem razão quanto aos Turcos: são uns selvagens. Eu vou ainda mais longe: não creio que cheguem a civilizar-se. Mas engana-se a meu respeito: sou um selvagem como eles. Lembre-se que me chamo Sévigné, que os Sévigné são uma vergôntea breta com nove séculos de vida, e que os meus avoengos, por uma obsessão de nobreza, só três vezes em noventa e sete anos contraíram casamento fora da sua casta. Tenho por conseguinte, quer queira quer não, o cérebro de um Celta do ano mil. O que é cousa muito diversa do cérebro de um Osmanli dos nossos tempos!

— Tá, tá, tá! Os seus Osmanlis dos nossos tempos não os conhece o senhor. Queria que fosse Arménio num dia de carnificina...? O senhor admite carnificina, diga?

— Eu admito muito bem que quem se vê arruinado, despojado, chupado até ao osso, e legalmente desarmado contra os prestamistas rapaces, faça justiça por suas mãos.

— Pelo assassinio?

— Isso é um palavão. Digamos pelo homicídio...

Abre-se a porta. Um passo lesto que eu conheço bem... Entra Lady Falkland e abraça a sua velha amiga. Eu não manifesto o espanto diplomático que se impunha. Para não mentir, devo dizer que o encontro fôra premeditado. Lady Falkland e eu andámos ante-ontem uma hora a passear em Stambul, e combinámos esta entre-

AU PRINTEMPS
tem atelier para
confeccionar e
bordar cortina-
dos em todos os es-
tilos e dimensões.
Au Printemps rua Jervis 56 LISBOA

vista... É verdade que madama Erizian não é pessoa de quem possamos desconfiar. Demais, em matéria de diplomacia, lady Falkland poderia dar lições ao próprio Alceste, de Molière.

— Bons dias! sabe que é nosso terceiro encontro esta semana?

Madama Erizian fita-nos, a ambos:

— Sempre esses malditos passeios a sós, que me fazem tremer pelo que pode suceder-lhe, minha filha.

Lady Falkland ri-se:

— Tremer! a senhora treme sempre. Ah! os Turcos teem razão: Alá fez a lebre e o Arménio...

— Hum! conhece mal o provérbio, ou então cita-o com muita delicadeza... Os Turcos dizem: «Alá fez a lebre, a serpente e o Arménio...» A serpente!... eu sou, talvez, medrosa... mas olhe que as Arménias sempre foram mais corajosas que seus maridos. Porém, eu, antes de mais nada, sou prudente. É a senhora é doida! Senhor de Sévigné, tenha juízo por ela. Que ganham, afinal, em correr Stambul de braço dado como dois namorados, que não são, em risco de uma série de catástrofes?

— Representamos o papel de rapazes fugidos à escola. Minha velha amiga, não ralhe. Divertimo-nos como podemos, e as nossas escapadas são perfeitamente inocentes. Note que o senhor de Sévigné e eu parecemo-nos muito: somos dois animais em gaiola: a minha, a gaiola conjugal, é mais estreita; mas a dele, a gaiola diplomática e mundana, não é muito mais larga. Compreende, pois, a nossa ânsia de ar livre! Galopamos, como poldros fugidos, pela bela Stambul deserta, tão grande que parece nunca ter fim; e durante uma simples hora, permiti-

O HOMEM Claude Farrère QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

mo-nos a ilusão de ser livres, de ter partido os ajonjos e quebrado as coleiras. Palavra, essa ilusão vale bem que arrisquemos alguma cousa... Mas, que cousa? a senhora tem olhos arménios, uns olhos imensos! vê ao longe «catástrofes!», que catástrofes?

— Simplesmente isto: que no dia em que o espião de seu marido a apanhar sósinha pelo braço daquele coronel, ficará exposta a um grande escândalo, e terá de render-se para evitar o pior! Bem sabe em que país vivemos e sabe que o tribunal consular inglês, a que se dirigiria sir Archibald, com bem pequenas provas se contentaria...

Lady Falkland abana a cabeça. Tudo isso ela sabe, e eu também. Sim, decerto, eu teria grande responsabilidade se alguma vez...

Mas súbito, lady Falkland, com um gesto da mão, dá largas ao cuidado. E volta-lhe o habitual sorriso, que tanto me apraz, o sorriso infantil, que não desvinca inteiramente a preta triste daquela boca:

— Imagine, senhor de Sévigné, que meu filho, por o não ter visto em toda a semana, me afirmava ontem que o seu grande amigo o marechal Mehmed Djaleddin o devia ter cosido dentro de um saco e atirado para o fundo do Bósforo...

XXIII

26 de Outubro.

Hoje é o dia das manifestações femininas; esta manhã, duas mulheres me deram a honra insigne de descobrir que eu existo. Evidentemente, não tenho o menor desejo de consignar nestas notas todas as minhas acções e gestos; prefiro omitir especialmente certas aventuras muito vulgares, a que poucos homens teem a coragem de esquivar-se, mas que só em idade juvenil se podem narrar com elegância. Um namorado de quarenta e seis anos corre o perigo de ser ridículo, e um amante da mesma idade, o de ser repugnante.

Todavia não passarei em silêncio as anedotas de hoje; porque uma, palavra de honra, é linda, e a outra, divertida a valer. Estava eu há pouco concentrado no estudo das recentes cartas da Macedónia, que o estado-maior austriaco levantou, não sei por que sortilégio, quando o meu cavas Achmet veio com certo mistério informar-me de que uma velha insistia por falar comigo. Intrigado, mandei entrar; vi uma Arménia asseada e pobre, vestida de preto, com ar digno e decente. Fez-me uma reverência quasi monacal, e entreabrindo o seu grande chale, tirou dele um ramo de tuberosas que me apresentou. E depois de segunda reverência, foi-se embora. Tudo isto, sem abrir a boca.

Estava eu pasmado com as flores na mão, quando descobri entre as hastes uma carta muito lacrada. Abro-a, e reconheço logo o papel, com renda de ouro, da minha vizinha de Beicos. Deus! há mais dum mês... Tinha esquecido inteiramente esta história. A carta é encantadora, e a jovem, muito ingénua,—ou absolutamente o contrário:

«O senhor não voltou, a pesar da sua promessa. E em breve também nós sairemos de Beicos. Já estamos preparando a partida. Minha mãe passa os dias na cidade, e às vezes também a noite. Nessas noites, encosto-me ao almichir, ao palor das estrelas, à espera de que o seu caique o traga para junto de mim.»

Puz as tuberosas num antigo vaso de cobre cinzelado, que o sr. Carazoff me vendeu outro

dia: «Trabalho de Damasco, senhor marquês! Belo como uma lâmpada de mesquita!...» E fiz com o papel de renda de ouro uma infinidade de pequenas borboletas, que hei de afogar esta noite no Corno de Ouro, do alto da grande ponte.

Entretanto, voltei ao estudo das cartas austriacas. E, súbito, o cavas Achmet bateu-me de novo à porta, informando-me agora de que uma senhora nova insistia, etc. Como acima. A primeira surpresa havia-me exercitado. De forma que se me afigurou quasi natural o aparecimento, debaixo da minha ogiva de ébano, de



LANÇA Perfume

Zita

(METALICO)

EXPERI-
MENTAR

A NOSSA MARCA EQUIVALE A GUARDAR UMA PRECIOSA RECORDAÇÃO PELO AROMA SUBLIMISSIMO E PELA ECONOMIA, E PELA APRESENTAÇÃO MODERNA, IRREFUTAVELMENTE MODERNA DOS LANÇA PERFUMES.

ZITA

Caliope Kolouri em pessoa; — de Caliope; e ela disse o nome ao entrar; — de Caliope, sósinha, sem qualquer companhia.

A despeito da grande presença de espírito que possuí, de que esta visita era uma prova supérflua, mas forte, a jovem ficou surpreendida com o sorriso plácido que a recebeu, e o gesto fácil que lhe indicou um fauteuil. Sentada, com os olhos um tanto incertos fixos nos meus, hesitou quasi um minuto antes de me apresentar várias desculpas que evidentemente viera a preparar pelo caminho:

— Imagine... eu ia a passar, casualmente, por baixo das suas janelas. Lembrei-me de que o

senhor vivia nesta grande casa... Tinha tanta curiosidade de ver o seu lar... Não resisti...

Deixei-a desembaraçar-se como pôde. Acabou por trejeitos confusos, depois contemplou as minhas quatro paredes, uma após outra, religiosamente:

— Tudo tão bem! Como se reconhece o gosto dos franceses!

Fingia uma admiração excessiva e inverosímil: as minhas duas salas, simples até à nudez, e apenas adornadas de grandes tapetes persas, côr de púrpura escura, nada teem que possa agradar a uma grega de Péra, doida por bibelots. Mas entre os seus ohs! e os seus ahs!, debalde ia eu procurando a verdadeira razão da sua visita. E não achava...

Nem ainda achei. Tive uma ideia, mas tão absurda!... Eis o facto: examinada minuciosamente a sala, a menina Kolouri reclamou, corando muito, um passeiosinho pelo resto da casa. A casa de jantar não a demorou mais que um minuto. E como junto da porta seguinte, eu lealmente a advertisse de que chegávamos ao meu quarto, ela entrou como uma frecha, não sem gaguejar à pressa:

— Verdadeiramente, não sei se posso...

Aparentemente, podia. E tanto podia que, depois de estar um instante de pé entre a cadeira e o fauteuil, se decidiu a sentar-se sobre o colchão. Vi isto, um pouco incomodado... Mas é inegável que uma cama não é coisa que lhe meta medo.

— Oh! — diz ela, com um sorriso de canto — o senhor tem um ótimo colchão...

Eu, calado. Ela continuou, ousada e palreira:

— Deve fazer de mim um péssimo juízo. Entrar assim no quarto de um senhor... Mas eu sei que os Franceses respeitam as donzelas...

E olhava com grande atenção para o bico das suas botas.

— Nunca me atreveria a entrar assim em casa de um jovem daqui («Jóven»! caramba!

LIÇÕES DE BORDADOS

Em curso ou particular

POR BORDADORA BEM HABILITADA

Rua da Bempostinha, 40, 1.º

sinto-me lisonjeado). Conhece uma definição do amor? (Ui! onde está a excelente madama Kerloff?). «A troca de duas fantasias e o contacto...» Como donzela, tenho de limitar-me à troca... e os jóvens daqui exigem o contacto... É muito difícil, para uma menina, flirter em Péra...

Eu replico, contra vontade:

— Mas então, se é tão difícil, as meninas que flirtam devem ser extremamente hábeis...

Ela ri, com um risinho nervoso e agudo:

— Oh!... não tanto como julga... mas ainda assim... sabem cousas...

Baixa os olhos, hesita, depois fita-me de novo, com uma espécie de resolução — de desafio.

Ah! porventura...? Mas verdade é que os Franceses respeitam instintivamente as donzelas. Recuo até ao fauteuil, e sento-me.

A menina Caliope Kolouri saíu de minha casa, dez minutos depois, perfeitamente intacta. É claro está, não admito nem um instante que esta menina tivesse tido debaixo do meu teto, qualquer segunda intenção.

XXIV

30 de Outubro

Bem singular a noite de ontem; quatro horas duvidosas e perturbadas, que me deixaram nauseado e quasi sujo... Jantei no restaurante Tokatlían, em Péra. A visita matinal de Caliope desviara-me o espírito para idéas de ordem galhofeira, e decidi-me a não acabar o dia em casa, sósinho. No Tokatlían, a sala de baixo era muito clara e ruidosa para meu gosto. Subi ao restaurante do primeiro andar, mais discreto, mais agradável também, porque muitas vezes jantam aqui senhoras sós, que ostentam chapéus sumptuosos. Uma delas, chamada Carline, já várias vezes consentiu em sentar-se à minha mesa. (Continua)

Lave, ondule e
corte o seu
cabelo
na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
LISBOA
AVENIDA, 35
Novas instalações



Uma carta escrita numa CORONA, num papel com monograma, é considerada elegante e ultramoderna

AGENTES GERAIS: THE MODERN OFFICE LTD.

Tel.: Tr. 66—107, Rua do Alecrim, 109—LISBOA

CORONA

A máquina de escrever
portátil

Em côres atraentes
que se harmonizam
com qualquer mobília

Verde, vermelho, crème,
lilaz, castanho e azul



Grafologia

AVISO IMPORTANTE

Temos em nosso poder algumas consultas já analisadas mas que, na impossibilidade de ampliar o espaço reservado a esta secção, aguardam por esse motivo a sua publicidade, segundo a ordem por que foram recebidas e consequentemente numeradas.

Igualmente tomamos a liberdade de advertir que a importância de cada consulta (Esc. 1\$00) não deverá nunca ser enviada em moedas metálicas, mas tão somente em notas, para que não fiquem retidos no Correio os documentos enviados para análise.

N.º 357 — A. F. de Oliveira — Lisboa. — Intellectualidade activa e impressionável aliada a uma imaginação fecunda mas mal expressa.

Desconhecendo-se por vezes a si próprio e procurando até no alheamento das suas próprias qualidades, a felicidade que tão distante lhe parece.

Qual a razão desse seu gesto de rancor altivo e orgulhoso?

N.º 358 — Esfinge que adora Cintra, A. da M. — Hábitos de sociedade, amando a harmonia geral em manifestações de elegância natural e equilibrada.

Clareza de pensamentos guiados por uma energia firme mas lenta.

Como defeito, um determinado exagêro subordinado às necessidades da vida moderna.

AS MEIAS de LINHO
PRINTemps
rão de qualidade
— GARANTIDA —
Venda exclusiva
AUPRINTemps, R. Ivens 56-LL/BOA

Talvez pudesse ser um pouco mais económica, não é verdade?

Mas a sua prodigalidade não afecta o seu futuro...

N.º 359 — Um Positivista — Lisboa. — Então a Grafologia é uma sciência nula?

Talvez então lhe encontre alguma vantagem se por seu intermédio eu lhe posso revelar a existência de um estado de espírito assás curioso:

A depressão resultante dum excesso de actividade que o força a viver irritado; — primeiro, consigo próprio e, em seguida, com «alguém», para logo depois volver em gestos de arrependimento a tentar cicatrizar com manifestações de actividade, a ferida que o seu génio impulsivo e precipitado ainda há pouco cavou...

N.º 360 — Um que não se resigna a sofrer — Lisboa. — Os seus sofrimentos são meras consequências da impressionabilidade exagerada do seu espírito demasiado alheio a tudo o que o rodeia.

Procure viver melhor com os seus nervos e depois, docemente, a pouco e pouco, numa persistência oriental, tente encontrar em volta de si qual a direcção mais propícia à sua felicidade.

Sinta-se cónscio do seu valor e não dispenda

Etoile noire
última criação de
GELLÉ FRÈRES
PARIS



essencia
pó de arroz
loção

A venda em todas as boas Casas
PONTES SERRA S.TETEN & C.º Lda 118 RUA DA RADIOLINA 2.º E LISBOA

a sua energia em lamentações absolutamente inúteis e desnecessárias.

O passado não o interessa e é para o futuro que todos caminhamos sem já mais parar.

N.º 361 — N. M. de A. — Stm. — Confirmando o resultado publicado sob o número 229 no número de Janeiro último do Magazine Bertrand, onde V. Ex.ª encontrará um longo estudo acerca do seu grafismo, poderei, não obstante, dizer que o estado emotivo da minha amável cliente tende a firmar-se de uma maneira mais definida e enérgica. A sua imaginação ardente e exaltada, bem como a sua vontade poderosa, manifestam-se sempre exuberantemente em

impetos rígidos e alheios a todo o convencionalismo de hábitos e também às vezes de preconceitos...

Queira indicar-me quais as objecções que se lhe oferece fazer a este respeito, pelo que muito agradecida lhe ficarei.

N.º 362 — Um apetite de Aveiro. — Actividade e agitação vibrante de entusiasmo e mocidade.

Tendência ao sentimentalismo romântico sempre que uma emoção mais forte e inesperada afecta o seu estado de espírito de ordinário alegre e despreocupado.

Bondade franca e sincera e também uma determinada dissimulação resultante dos seus hábitos de sociedade.

Antes assim!...

N.º 363 — Andorinha azul. — Imaginação e idealismo difícil de compreender pela maioria das pessoas com quem convive, desejando, sobretudo, a superioridade do seu personalismo.

Espírito dominador mas sempre afável e muito generoso sempre que o seu amor próprio não é posto à prova.

N.º 364 — Loira de olhos verdes. — Impenetrabilidade desconfiada, procurando sempre manter bem oculta a sua maneira de pensar, numa reserva por vezes afectada.

Severidade, no seu critério em julgar os hábitos alheios, sabendo impôr a sua vontade decidida e inflexivelmente.

Hábitos de elegância, actividade física e mental obedecendo a uma imaginação pouco disciplinada numa agitação que convém acalmar.

N.º 365 — Sinfonia da tarde. — Desejo de aperfeiçoamento, bondade calma e lenta. Idealismo indefinido e mobilidade de impressões sem firmeza definida mas sempre tendendo para as manifestações de carácter elevado.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos podem todas as ex.ªs consulentes da Voga, reenderçar estas mesmas consultas para o Magazine Bertrand mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na Voga.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Todas as consultas dirigidas à Voga, deve-

rao ser acompanhadas da importância de um escudo em papel moeda e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao Magazine Bertrand nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.

Madame

Tudo o que diz respeito a PELES DE ABAFO, se encarrega a nossa casa. Tinturaria. Concertos e confecções de PELES.

AU RENARD ARGENTÉ

Rua S. Nicolau, 13, 3.º



"FOGÃO DA VACUUM"
quere dizer:

**Comodidade,
Economia e rapidez
Faz um chá 5 minutos
em**

**gastando menos de
um decilitro de**



Vacuum Oil Company

Rocio, 61 Telef. N. 3075 e nas suas Agências



lance e o moço artista dos olhos cinzentos foi contractado por muitos anos para a Metro, onde o seu primeiro grande successo foi obtido em «The Scarlett Letter» (a Letra encarnada), de Daniel Hawthorne, romance popularissimo na America do Norte e que ele interpretou ao lado da genial Lilian Gish, a mais extraordinária discipula do grande D. W. Griffith, o mago da cinematografia.

Lars Hanson é um grande artista, na mais lata aceção do tempo. Os seus ócios, dos trabalhos árduos do studio, sob a luz crua dos *sunlights*, são passados em doces diversões de índole artística, dentro do seu lar que é um encanto, duma modestia de bom gosto mas de invulgar elegância. Aí, o simpático artista suéco, que é tambem um primoroso pianista, toca melancólicas baladas que, decerto, lhe trazem a saúde do seu lindo país dentado de poéticos «fjords» e envolto em leves brumas, sudário triste da melancolia.

O lar deste artista, sob o ponto de vista familiar é, tambem, delicioso. Sua esposa é uma poetisa e escritora de alto valôr e uma graciosa senhora de peregrina formosura. Vivem os dois, um para o outro, uma vida em que tudo decorre sereno, num sereno e iniludível affecto.



À MARGEM DOS "STÚDIOS"

TIVEMOS há pouco o ensejo de nos referir ao lar dos artistas de cinema em geral e ao lar de Conrad Nagel em particular. Vimos então o carácter desportivo, «ar livre», do popular galã, numa vida toda energia, desporto, cultura física. Hoje podemos dar alguns detalhes íntimos sobre outro artista de notável envergadura: Lars Hanson.

Lars Hanson não é americano, embora viva na deliciosa California, nesse Hollywood de lenda. Lars Hanson é suéco e os seus primeiros triunfos foram obtidos no teatro. Só depois tentou a cinematografia na Dinamarca, trabalhando para a Svenska, essa escola maravilhosa que produziu formidáveis encenadores como Victor Sjöström, interpretes de primeira plana como Waldemar Psilander, Greta Garbo, Greta Nissen e Gunar Tolnaes, filmes dos melhores do mundo como a «Carreta Fantasma», «Lei de Deus» (com Jenny Hasselquist), a série de Gosta Eckman, etc. Os seus triunfos na Svenska foram de tal ordem que em breve Lars Hanson foi disputadissimo pelas empresas alemãs, francesas e russas. Os americanos cobriram o maior